

## Apresentação

Quando os editores da Revista Brasileira de Ciência Política nos convidaram para organizar um dossiê sobre movimentos sociais, imediatamente pensamos em fazer uma homenagem ao Professor Charles Tilly, falecido em abril de 2008. Tilly, amplamente reconhecido como um dos principais sociólogos da contemporaneidade, especialmente nas áreas de sociologia política histórica e de política comparada, foi também um inovador no campo metodológico. Além de ter sido um dos primeiros pesquisadores a promover o uso de técnicas quantitativas na análise histórica, na última década liderou o debate em torno da análise de mecanismos causais na pesquisa social. Em termos de objeto de estudo, o autor privilegiava a análise de fenômenos sociais que iam desde levantes, greves, saques e campanhas populares, até revoluções. Embora ele preferisse o termo *contentious politics* para designar o conjunto desses fenômenos, o trabalho de Tilly está profundamente vinculado ao estudo dos movimentos sociais. No entanto, o único livro traduzido para o português até hoje, *Coerção, Capital e Estados Europeus* (Edusp, 1996), é um dos poucos escritos pelo autor que não tratam do tema.

Ao longo das últimas três décadas, Tilly foi uma das vozes mais expressivas de um grupo diverso de estudiosos norte-americanos e europeus que desenvolveram um conjunto inter-relacionado de instrumentos teóricos para o estudo dos processos políticos que explicam a ação coletiva conflituosa. Autores como Sidney Tarrow, Alberto Melucci, Doug McAdam, Mario Diani, John McCarthy, Mayer Zald, Ann Mische, David Snow, Ron

Aminzade, Donatella della Porta, entre muitos outros, se debruçaram sobre a análise de processos de recrutamento, mobilização, estratégia política e os ciclos de crescimento e declínio de movimentos sociais. Aos poucos, foram desenvolvendo um conjunto de teorias causais – a partir de conceitos como mobilização de recursos (McCARTHY e ZALD, 1977), estrutura de oportunidades políticas (TARROW, 1995), *framing* (SNOW e BENFORD, 1998), identidade coletiva (MELUCCI, 1996), redes (DIANI, 1995) e repertórios (TILLY, 1978) – que ajudam a explicar diferentes aspectos da ação coletiva. Em 2001, Doug McAdam, Sidney Tarrow e Charles Tilly publicaram o livro *Dynamics of Contention*, no qual propuseram reformular sua própria compreensão teórica em termos de “mecanismos” que pudessem ser combinados em explicações multicausais (McADAM, TARROW e TILLY, 2001). O debate aberto a partir dessa publicação tem sido provavelmente o principal foco da literatura internacional sobre movimentos sociais dos últimos dez anos.

No Brasil, em termos gerais, a literatura sobre movimentos sociais não tem dialogado de forma direta com essas contribuições. As referências do debate teórico ainda estão pautadas, em boa medida, pelas discussões em torno das teorias da mobilização de recursos, do processo político e dos novos movimentos sociais. Análises recentes sobre redes sociais, repertórios de ação coletiva ou *framing* são raras, e a avaliação crítica do debate aberto por *Dynamics of Contention* é praticamente ausente<sup>1</sup>. Os pesquisadores brasileiros ainda têm que enfrentar o desafio de se posicionar, inclusive no sentido de compreender em que medida esse livro e as contribuições posteriores a ele podem ou não ajudar a explicar os fenômenos de ação coletiva na América Latina. A recente tradução de *Poder em movimento*, de Sidney Tarrow (Ed. Vozes, 2008), apesar de obviamente louvável, surge dez anos após a publicação da segunda edição do livro, e não incorpora portanto o rico debate ocorrido nesse período, e nem a autocrítica posterior realizada pelo autor.

Também identificamos a escassa atenção dada, na literatura brasileira, sobre o cada vez mais importante tema da ação coletiva transnacional. Algumas exceções são análises sobre o movimento ambientalista, o movimento de mulheres e o Fórum Social Mundial<sup>2</sup>. No entanto, dada a importância dos movimentos sociais brasileiros em campanhas transnacionais e eventos

<sup>1</sup> No entanto, na última parte da sua revisão sobre teorias dos movimentos sociais, Ângela Alonso faz um resumo dos debates internacionais mais recentes (ver ALONSO, 2009).

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Scherer-Warren (1999), Zhouri (2000), Milani (2007) e Milani e Laniado (2007).

como as Conferências da ONU ou o próprio processo do Fórum Social Mundial, esse silêncio é gritante. Além disso, ganha especial importância se considerarmos que o debate sobre transnacionalismo tem permitido aos pesquisadores sobre movimentos sociais estabelecer pontes frutíferas com outras disciplinas, em especial os estudos sobre relações internacionais, mas também as teorias sobre democracia e globalização.

Os debates recentes sobre metodologia também parecem ter influenciado pouco a discussão atual no Brasil. A grande maioria das análises tem se pautado pelos métodos etnográficos, baseando-se fundamentalmente em entrevistas qualitativas e observação participativa. Essa opção, é claro, pode ter como fruto análises rigorosas e criativas. Chama a atenção, no entanto, a escassez de estudos que combinem métodos qualitativos e quantitativos, o pequeno número de pesquisas que se baseiam em análise de redes<sup>3</sup>, e a dificuldade para encontrar estudos comparados. Em parte, essa dificuldade está relacionada com a disponibilidade de recursos para a realização de *surveys* e viagens internacionais para pesquisa de campo. No entanto, esse problema poderia ser dirimido a partir de uma colaboração mais estreita com grupos de pesquisa e agências financiadoras em outros países.

As ausências apontadas anteriormente não significam que não ocorreram mudanças ou avanços importantes na literatura brasileira sobre movimentos sociais. Há uma década e meia, autores como Ana Maria Doimo encontravam no Brasil principalmente análises sobre o que ela chamou de “movimentos reivindicativos” (DOIMO, 1995). No entanto, a grande maioria das submissões que recebemos para este dossiê focou nos “novos movimentos sociais”, ou seja, movimentos em torno da afirmação de identidades (mulheres, negros, LGBT, juventude etc.) e de valores “pós-materialistas” (especialmente o ambientalismo). Além disso, após uma década de ênfase nos “novos arranjos participativos” – tais como o orçamento participativo e os conselhos gestores –, um grupo crescente de pesquisadores tem procurado analisar outras maneiras pelas quais os atores interagem com o Estado, para além dos espaços formais criados no período pós-Constituinte.

---

<sup>3</sup> Entre os poucos trabalhos que utilizam análise de redes para compreender os movimentos sociais na literatura brasileira, destacam-se, por exemplo, Lavallo, Castello e Bichir (2007) e Lavallo, Castello e Bichir (2008).

A publicação deste dossiê sobre o tema dos movimentos sociais e ação coletiva busca contribuir para esse processo recente de renovação do campo de estudos. Soma-se, portanto, a outras iniciativas dos últimos anos, que procuram estimular a retomada de análises sobre os movimentos sociais. Nesse sentido, o presente dossiê abre espaço para a publicação de novas pesquisas de alta qualidade produzidas no país. Além disso, apresenta a tradução de algumas publicações-chave de autores importantes, contribuindo, assim, para disseminar os debates internacionais já mencionados.

O dossiê inclui quatro artigos inéditos escritos por autores brasileiros e três traduções de artigos já publicados no exterior. Três dos artigos brasileiros são estudos de caso de **novos movimentos sociais**. Dois deles, por coincidência, analisam movimentos da mesma cidade, Porto Alegre, e refletem o interesse da literatura atual pela compreensão de aspectos micro-organizacionais dos movimentos sociais, especialmente o processo de engajamento de militantes. A partir de marcos teóricos diferentes, ambos focam a relação entre experiências de vida individuais e o militatismo. O trabalho de Marcelo Kunrath Silva e Bianca de Oliveira Ruskowski estuda a organização local de um movimento de jovens porto-alegrense, o Levante Popular da Juventude. Os autores propõem um conceito relacional de identidade que procura entender a adesão de jovens a movimentos sociais a partir do estudo das redes interpessoais e organizacionais. Apesar de o caso estudado ser o de um pequeno grupo de jovens, o trabalho tem implicações teóricas importantes, pois analisa os mecanismos que explicam o processo de engajamento de jovens no contexto contemporâneo, mostrando assim a conexão entre as experiências de vida individuais e a construção de movimentos sociais.

O artigo de Wilson José Ferreira de Oliveira complementa de forma bastante rica o trabalho anterior. Enquanto o estudo sobre a juventude porto-alegrense é baseado no conceito de identidade relacional, o de Oliveira compreende o militatismo como produto de um processo complexo e multifacetado de socialização. Com o objetivo de mapear diferentes padrões de **carreira militante**, o autor analisa a história de vida de um conjunto de lideranças ambientalistas gaúchas e compara as características da sua atuação nas décadas de 70 e de 90. Sua análise identifica uma maior diversificação das formas de engajamento possíveis ao longo do tempo, as quais variam, em boa medida, de acordo com os diferentes contextos políticos.

Assim como no estudo de Marcelo Silva e Bianca Ruskowski, o artigo de Vera Marques e Paulo d'Ávila também foca a questão da identidade, mas vincula essa discussão teórica aos debates sobre as diferentes dimensões do poder. A partir da análise da relação entre partidos políticos no Congresso Nacional e o movimento LGBT, os autores oferecem uma contribuição importante para a literatura sobre a relação entre movimentos sociais e Estado. O artigo abre um debate que consideramos fundamental sobre as formas como os movimentos sociais brasileiros se relacionam com as instituições políticas e procuram influenciar as políticas públicas, em contraposição às estratégias utilizadas em períodos anteriores.

O quarto artigo, escrito por Samira Kauchakje, tem como objetivo discutir uma questão mais geral: em que medida houve realmente um declínio da produção acadêmica sobre movimentos sociais no Brasil? Com base em uma análise das dissertações e teses elaboradas na Universidade de São Paulo e na Universidade Estadual de Campinas entre 1970 e 2005, a autora mostra que houve uma continuidade na produção ao longo do tempo, com um pico no período 1990-1995 e uma nova tendência ao crescimento nos últimos anos. Além disso, a autora também analisa o conteúdo da literatura, em termos da relação entre realidade social e produção de conhecimento sobre movimentos sociais. Nesse sentido, sugere que o que ocorre no momento atual não é exatamente um “ressurgimento” da temática de movimentos sociais na literatura brasileira após um longo período de desinteresse, mas sim uma mudança de foco nessa literatura em direção a novas temáticas e marcos teóricos.

A inclusão de três textos publicados originalmente em inglês tem o objetivo, como mencionado, de contribuir para o diálogo teórico e metodológico nessa nova fase de produção sobre movimentos sociais. Dois são textos escritos por autores norte-americanos e um é de pesquisadores italianos.

O texto de Charles Tilly que escolhemos para este dossiê é o primeiro capítulo de um de seus últimos livros, publicado em 2004, quando o autor já enfrentava o difícil tratamento contra o câncer. Talvez seja um dos seus trabalhos mais ambiciosos, porque realiza uma revisão histórica dos movimentos sociais desde as suas origens, que o autor localiza no século XVIII, até os dias de hoje. A abrangência empírica é acompanhada por um não menos importante esforço de sistematização conceitual. Em especial, o capítulo esclarece o que o autor compreende por “movimento social” e como este se

diferencia de outros fenômenos. Ao mesmo tempo, no entanto, argumenta que só é possível estudar movimentos sociais a partir de uma visão ampla que os relacione com outras formas de ação política. Nesse capítulo, assim como no resto do livro, Tilly combina, como é sua característica, a análise de mudanças estruturais de longo prazo com a rejeição às explicações baseadas em leis gerais.

O artigo de Mario Diani e Ivano Bison também estabelece a necessidade de especificar uma definição de movimento social e de diferenciar esse fenômeno de outras formas de ação coletiva. É, nesse sentido, parte do debate aberto pelo livro *Dynamics of Contention*. No entanto, diferencia-se da proposta conceitual daquele livro ao propor uma tipologia de “processos de ação coletiva” que traz para o centro da discussão a importância das redes (densas ou esparsas), da identidade do grupo (forte ou fraca) e do tipo de ação (conflitiva ou consensual). A partir de uma ampla pesquisa com organizações das cidades de Glasgow e de Bristol, na Grã-Bretanha, os autores apresentam um mapeamento dos vínculos entre grupos, estimativas da densidade das alianças, indicadores de identidade e padrões de relacionamento. Este artigo é um excelente exemplo das possibilidades abertas pelo uso de análise de redes nos estudos sobre ação coletiva, não apenas em termos do potencial descritivo dos laços que unem (ou separam) atores, mas também – e principalmente – em termos de uma proposta teórica que entenda a construção de movimentos sociais como um processo dinâmico de definição e redefinição de fronteiras das redes.

Elizabeth Clemens parte de um dos conceitos mais importantes desenvolvidos por Tilly – o de “repertórios de ação coletiva” – para desenvolver um estudo extremamente inovador sobre a relação entre movimentos sociais e estruturas políticas mais amplas. Tilly definia repertório de ação coletiva como um conjunto de formas de mobilização, estratégias políticas e modelos organizacionais com os quais os atores sociais têm familiaridade em qualquer momento e local histórico. Já que o repertório “disponível” é limitado, há uma tendência para que as organizações de movimento social com objetivos diferentes se organizem e atuem de formas semelhantes. Clemens analisa, no entanto, o processo de construção de um novo repertório organizacional, o do movimento norte-americano de mulheres entre 1890 e 1920. O artigo é inovador em dois sentidos. Em primeiro lugar, a autora mostra como a construção de novos repertórios organizacionais pode ocorrer a partir da

“recombinação” de modelos existentes. Neste sentido, as novas organizações de mulheres, que se diferenciavam de organizações passadas por seu caráter politizado, construíram um novo modelo de participação política não eleitoral ao combinar aspectos do modelo organizacional de entidades femininas tradicionais com aspectos organizacionais de clubes políticos, dominados por homens. Em segundo lugar, a autora demonstra como esta transformação organizacional, que inicialmente ocorreu entre grupos politicamente marginais, teve um enorme impacto na vida política em geral. Argumenta de forma bastante convincente que a inovação organizacional das entidades de mulheres foi o primeiro passo na construção de uma forma de participação política hoje central na vida política norte-americana, o *lobby*.

Nas suas obras clássicas sobre movimentos sociais, Alain Touraine ganhou muitos admiradores entre os estudiosos do tema ao argumentar que os movimentos sociais deviam ser incorporados na teoria social como a força central da história. Os trabalhos publicados neste dossiê também sugerem que os movimentos sociais têm centralidade na vida política. Além disso, contribuem para a compreensão dos mecanismos sociais e políticos que explicam a sua emergência, diminuição, sucesso e fracasso. Ao mesmo tempo, os trabalhos deste dossiê explicitam novos desafios a serem enfrentados pela literatura, entre os quais citamos: a necessidade de ampliar o nosso olhar para situar os movimentos sociais em sua relação com outros fenômenos políticos ao longo da história, a importância dos contextos políticos e do estudo dos vínculos entre movimentos sociais e instituições políticas, e as possibilidades abertas por novas técnicas e abordagens metodológicas, como a análise de redes. Estes desafios configuram uma agenda preliminar de pesquisa, que será potencialmente mais frutífera à medida que os estudiosos brasileiros possam participar de forma intensa dos debates internacionais sobre os movimentos sociais e ação coletiva, que, como seu próprio objeto, estão sempre em transformação.

Brasília, fevereiro de 2009.

Rebecca Abers e Marisa von Bülow  
Professoras do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília

## Referências Bibliográficas

- ALONSO, Ângela. 2009. "As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate". *Lua Nova*, São Paulo, n. 76, p. 49-86.
- DIANI, Mario. 1995. *Green Networks: a structural analysis of the Italian environmental movement*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- DOIMO, Ana Maria. 1995. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- LAVALLE, Adrián Gurza; CASTELLO, Graziela & BICHIR, Renata Mirandola. 2007. "Protagonistas na sociedade civil: redes e centralidades de organizações civis em São Paulo". *DADOS: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 3, p. 465-498.
- \_\_\_\_\_. 2008. "Atores periféricos na sociedade civil: redes e centralidades de organizações em São Paulo". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Brasília, v. 23, n. 68, p. 73-96.
- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney & TILLY, Charles. 2001. *Dynamics of contention*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MCCARTHY, John D. & ZALD, Mayer N. 1977. "Resource Mobilization and Social Movements: A partial Theory". *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 82, n. 6, p. 1212-1241.
- MELUCCI, Alberto. 1996. *Challenging Codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MILANI, Carlos R. S. 2007. "O anti/alterglobalismo e o Fórum Social Mundial de Nairóbi: contestação e redes transnacionais na política mundial contemporânea". *Cena Internacional*, v. 9, p. 102-122.
- \_\_\_\_\_. & LANIADO, Ruthy Nadia. 2007. "Transnational social movements and the globalization agenda: an methodological approach basead on the analysis of the World Social Forum". *Brazilian Political Science Review*, v. 1, n. 2, p. 10-39.
- SCHERER-WARREN, Ilse. 1999. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Editora Hucitec.
- SNOW, David A.; BENFORD, Robert D. 1988. "Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization". *International Social Movement Research*, v. 1, p. 197-217 (Supplement to Research in Social Movements, Conflicts and Change).
- TARROW, Sidney. 1995. *Power in movement: social movements, collective action and politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

- TILLY, Charles. 1978. *From mobilization to revolution*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- \_\_\_\_\_. 1996. *Coerção, Capital e Estados Europeus*. São Paulo: Edusp.
- ZHOURI, Andréa. 2000. “Campanhas transnacionais pela Amazônia: estratégias de ONGs, comércio e posições oficiais”. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, n. 6-7, p. 31-63.